

**ENTRE MACACOS**

**E DRAGÕES**

Aquelas paredes de arroz muitas vezes são consideradas falsas, uma armação apenas com o intuito de criar uma atmosfera local, ser um fantoche das relíquias do passado. Agora não há terremotos para as paredes resistirem, não há monções nem tufões para empurrarem-nas aos lados e salpicarem a madeira com pancadas d'água, porém há coisas piores. O que? Quantas? Por quê? Por hora, deixemos as perguntas de lado. Apenas siga com o decreto um pouco informal e questionável de que essas paredes de arroz e seus complementos de madeira clara ainda detêm a essência de suas antepassadas, belíssimas estruturas de proteção de outro canto do planeta.

No beco, o silêncio reina. Para chegar lá, no entanto, o caminho traz intermináveis barulhos, de fontes variadas e imprevisíveis. É numa região considerada pacata, mas *pacata* quando se está no Rio de Janeiro não é grande coisa. Se não fosse sua longa dimensão, os chiados da cidade ainda invadiriam o beco e expurgariam toda a paz que lá habita. De postos na entrada, apenas há um vão escuro entre dois prédios quaisquer – o corredor não é mal iluminado: é iluminado exatamente como deveria ser -, e devemos dar os primeiros passos. Prontos? A lâmpada rosa cai de uma escada de incêndio e nos leva pelo único caminho possível. Mais passos e agora a lâmpada que cai das sombras é substituída por uma irmã azul. Logo verde. Vermelho, minha favorita. Pegou o jeito? Quando todas as cores do arco íris se repetem pela terceira vez é o exato momento em que se pega a direita e... chegamos!

A alameda principal é um longo e magro corredor recheado de pequenas lojas, cujos letreiros, iluminados por fosforescentes amarelo ou rosa, são lares de palavras indecifráveis. Tem de tudo: lá vendem bichinhos de pelúcia além de Mickey Mouse, Peppa Pig e Shrek (certas vezes eles também aparecem no bolo), aparelhos eletrônicos de tecnologia asiática e, sim, de qualidade, marmitas microscopicamente otimizadas (eu juro: não faz sentido o quanto cabe ali), travesseiros de avião, uma rede infinita de biscoitos sabores o-que-você-quiser, tecidos, quadros coloridos, ímãs, quebras cabeças de madeira que lembram versões rústicas dos famosos *Legos*, ervas, carnes nobres e incensos, apenas para mencionar alguns. Vez ou outra a alameda principal se ramifica, abrindo galhos para a esquerda, para a direita e inclusive para direções colaterais, aquelas cujos nomes esquisitos “nordeste, sudorese” apenas lembramos por conta do grande Brasil. Assim, o caminho que fazemos para ir é sempre diferente do que fazemos para voltar, agora

com as vias antes escondidas nas nossas costas pondo-se a se apresentar. Interessante, não? Um pouco consumista também. O cheiro, repare no cheiro. Temperos de longe, comida saborosa! Está com fome? Melhor acelerar o passo... ignore as bugigangas, há bastante delas também. Diminuem a verdadeira cultura local, mas pegam muitos desprevenidos e assaltam as suas notas.

Vire à esquerda. E direita. Passaremos alguns minutos nesse vai-e-vem. Sim, nos ângulos retos há sempre pequenos estandes de comida, vezes barracas que desafiam a vigilância sanitária, vezes estações compactas e completas, um sentimento de estar em um paraíso gastronômico, seja ele futurista ou tradicional. Seus lámens são um pecado, mas estamos seguindo na direção de outro restaurante.

Outro dia caminhava eu pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana quando ouvi a grande ira ser jogada gratuitamente na minha direção por um desconhecido (sim, desconhecido!) que nada deveria mudar a minha terça feira. Mas mudou. Cá ando, procurando um bom café à alucinar minha mente cansada, quando a palavra ataca a minha costela: “mongol!”. Paro. Quem disse isso? A moto passou rápido demais, agora já chega na esquina seguinte e, de novo, vira para outro alguém e invade sua calma e recatada vida pessoal: “mongol!”. Ou seria outra palavra de ataque, daquela série de jargões inapropriados que, caso jogados para a pessoa errada em plena Copacabana – dos malhados às senhorinhas, há muitos perigos -, ocasionaria uma bela briga?

Ah, mas eu te conto. Se esse desgrasmado motoqueiro de araque soubesse de verdade o que suas palavras contêm. Se seu poder de pensar fosse ao menos dez por cento de seu poder de machucar. Se alguma inteligência corresse pelas rodas daquela Yamaha... ele nunca falaria isso.

Não precisa se preocupar com a minha perna. De verdade. Sei que não mencionou nada, mas as caretas de dó sempre me acompanham, tipo cortesia-da-casa. Mesmo já figurinha repetida no beco, os impulsos de pena “ah, meu pai amado!, apenas uma criança, e já sem uma perna!” ainda estão bem presentes. Vejo que as pessoas tentam conter qualquer reação, mas é um sentimento repentino, como se vivesse sempre junto delas, apenas na espreita para explodir em um susto. Quero dizer, imagino que é. Enfim, te digo de coração aberto: tá tranquilo, cara. Até sem muletas eu ganharia na corrida de todos aqui, te juro. E sem mais perguntas, por favor. Tá tranquilo.

Foco no que importa: estamos chegando.

Fazem mil anos, mas a História não tem pernas bambas. Para os japoneses e para mim, que não sou nem de perto japonês (mas que recebi de braços abertos a sabedoria dessa terra tão distante), notavelmente pela minha pele escura e então pelos olhos

grandes, salpicados, duas cascatas polares piscantes, a Mongólia foi uma fonte de muito sofrimento.

Genghis Khan é seu nome. Formidável militar, é meu papel aceitar que sua aqui designação de vilão é puro acaso histórico, pois o próprio Japão, terra de tanta harmonia, paz e desenvolvimento foi, até um passado recente, lugar de tremendas guerras e violência. O sangue que sobe pelas suas veias traz um DNA tão dual quanto a filosofia do Yin Yang (algum DNA não traz?), a balança entre horrores e prosperidade devidamente equilibrada. Dado tal não necessária, mas importante introdução, voltemos a Genghis Khan, “mongol” e algoz de milhões. Seu filho, Kublai Khan, não é tão famoso – nem tão temido -, mas o que encontramos quando olhamos para o herdeirinho? A conquista de antigas Coréia e China, olhos de dragões lançados sobre a próxima terra no horizonte, impostos lançados ao Japão e então Tsushima atacada.

Para entender a História, devemos entender a Geografia. Por isso que na minha escola temos uma única matéria que engloba as duas através de um simples “e”. Com o Japão, talvez mais do que nunca, não poderia ser diferente.

Percebeu a falta de barulho? Todos respeitam muito a tradição. As paredes de arroz voltam às páginas, honrando a introdução: no beco dentro do beco, um Japão quase feudal ressurgiu e estamos, ao menos visualmente, de volta às primeiras dinastias do Império. Como andamos bastante até aqui, fugimos dos prédios e caímos em um ambiente aberto e espaçoso, aonde, caso evitássemos olhar para trás, tornaríamos nós mesmos samurais e ninjas. Chove agora e as calçadas de paralelepípedo ficam um pouco escorregadias, o cheiro – antes de lámens e pelúcias ensacadas – se torna úmido e algumas velas não recolhidas subitamente apagam. Mas as casas, todas com jardins e portões simples de madeira, algumas de fato moradia para alguém, outras estabelecimentos comerciais onde produtos natais do Japão são vendidos (e, claro, também refeições), se mantêm acessas. Com as suas luzes, podemos seguir adiante.

Vê aquele muro azulado, no qual o desenho do dragão se mistura com a forma de um mar em fúria? E aquela pequena bandeira aonde Wukong, o Rei Macaco (intruso em beco japonês, pois sua existência advém da cultura chinesa) resplandece? Entre os dois, símbolos de benevolência, riqueza espiritual, inteligência e astúcia, há um restaurante. É para lá que estamos indo.

No decorrer da inevitável dança dos lugares que transformou a grande irmã Pangeia nos não-tão-irmãos sete continentes nomeados por sete palavras que apenas começam por vogais (História e Geografia, como bem falei...), o Japão desvencilhou-se da sua histórica inimiga Coréia. De vez em quando, digamos que raramente, já me perguntei, duas vezes, como tudo seria se ele ainda estivesse ali, grudado à costa. Qual aumentaria de tamanho, a do Norte ou a do Sul? E aposto que haveria paz, de alguma forma, o que inevitavelmente dá luz a uma nova pergunta: então apenas não há paz porque os países têm nomes diferentes? Isso faz sentido, ora? Enfim, voltando: no meio dessa Fuga das

Coréias (e um pouco da Rússia, bebedora de *vodka*) milhares de ilhas pequenas se formaram, todas território japonês. Quatro são as maiores: Honshu, Hokkaido, Kyushu e Shikoku, que são o que vemos no mapa-múndi. A maioria das outras, tão pequenas que se tornam invisíveis, passa batido.

Mas isso não significa que elas não possuam história própria. Nem que, digamos, elas não possam ter salvado por completo a história de todo o Império e, conseqüentemente, do país que conhecemos hoje. Tsushima é uma ilha de grande importância comercial próxima à Coréia e resplandece como um dos pilares que, caso fora do lugar, alteraria o curso da História para sempre.

Aqui eles voltam: Genghis, Kublai Khan e uma Mongólia preparada e sedenta ao combate. Japoneses em desvantagem numérica resistem atrás dos muros fraquejados de Tsushima, com a honra dos samurais de lâminas longas e capacetes feios, por um tempo... mas a derrota é iminente. Imagino a cena: mongóis se sentindo reis, já comemorando a conquista da porta de entrada à ilha mais requisitada do Pacífico... decidem, por algum motivo que deve ser maior que apenas dormir, que deve incluir festas, bebidas e queda de braços, voltar à sua frota de barcos volumosos e bem-acabados, com velas hasteando bandeiras escuras e tinta vermelha pintando os conveses... e então, enquanto dormem, um fino sopro chega com o vento... e ele engrossa, e engrossa... prelúdio de chuva forte, forte demais, ondas enormes, ventanias que arrancam as pessoas para fora dos barcos antes de reparti-los ao meio, girá-los de ponta cabeça ao mar frio... pois é, exatamente, um tufão! No exato lugar e no exato momento do tempo que os samurais mais precisavam, destruiu quase que por completo a frota mongol, restando-lhes rastejar com as sobras de volta aos seus ermos bárbaros. Foi a primeira vez que a natureza salvou o Japão. Porém não seria a única, pois a exata mesma coisa aconteceria de novo anos depois.

Tal relato terá sua importância, eu lhe prometo. Por hora, fiquemos com mais uma pergunta: caramba, se os mongóis tivessem conquistado o Japão e se clamados os Grandes Imperadores da Ásia, será que ser chamado de “mongol” por motoqueiros de Yamaha seria tão ruim assim? E, caramba, imagina o quão diferente o mundo seria! (mas deveria ser?).

Hiroshi e Aika, casal que chefia e administra – eles revezam os papéis diariamente e são exuberantes tanto na cozinha quanto na arte do atendimento – o *Entre Macacos e Dragões* estranhou, em determinado momento, a companhia inusitada que vinham tendo de segunda a sexta. A lista de motivos para isso poderia ser longa: sou negro, pré-adolescente, venho sempre acompanhado apenas do mesmo boné vermelho (dá sorte), além de, claro, faltar-me uma perna. Que tipo de cliente é esse? Claro que já sentia os ares da estranheza e claro que eu também fiquei surpreso com a tamanha cordialidade quando eles abordaram o assunto comigo. Nada de “onde estão seus pais, caceta?” ou “pode esperar lá fora?” ou o famigerado “não temos nada para te dar, menino”. Ao invés disso, em certo dia, enquanto eu comia a maravilhosa perdição de dupla de sushis – já vamos entrar nesse assunto – que meus fixos trinta reais pagos pelo Chefia pagavam (e, já pensando em hoje, logo pagarão mais uma vez, porém em maior glamour), Aika veio ao meu encontro, sentando-se harmoniosamente ao meu lado.

– Hoje foi de atum. – ela reparou – Amanhã será de haddock? – de bocas fechadas e aglutinadas, olhos esbugalhados por insegurança e boné vermelho para trás, eu concordo com a cabeça, tímido. – Qual foi seu preferido?

Termino de mastigar.

– Atum – sai, por fim. Ela sorri.

– O meu também é. Quem sabe um dia você prove o combinado para um? Gosta de quais rolls?

– Nunca comi nenhum.

Ela sorri de novo e seu rosto branco, branquíssimo!, apenas espreme uma coisa. Carinho, curiosidade, afeto.

– Amanhã você voltará?

– Sim.

– Então amanhã te daremos, de brinde, um roll especial. Você prova e nos diz o que achou.

– Obrigado.

– Você vai vir sozinho?

– Sim.

– Ninguém pode te trazer? Você é tão jovem.

– Não.

– Poxa. – ela sente um pouco de pena. A perna entra na jogada, com certeza.

– Longa história. Mas tá tranquilo. De verdade.

– Você se sente sozinho, não é?

– Eu tenho amigos – dou de ombros. Um pouco encolhido.

– Mas e aqui?

De novo, dou de ombros.

– Sei que ninguém se parece com você nesse restaurante. Você pode achar que em qualquer lugar do Japão não vá ter ninguém como você e que seremos para sempre, no fundo, diferentes. E isso pode afastar as pessoas. Olhe, deixe-me te contar uma coisa, uma história não muito popular – ela sorri e encara o vazio a frente, como se a própria fantasia resplandecesse bem ali – Você sabia que uma das figuras históricas mais fascinantes do Japão se parece com você? Ou melhor, com você em alguns anos no futuro?

Levanto os olhos para Aika. “Como assim?”, minhas calotas polares perguntam.

– Seu nome era Yasuke. Nascido em Moçambique, há mais de quinhentos anos, acabou sendo trazido como escravo por um missionário italiano que trabalhava na corte de um senhor feudal. Yasuke era altíssimo, mais de um metro e noventa, e muito forte, bem diferente do povo japonês. Logo chamou a atenção de Nobunaga, líder de muitos. Por ser

tão “exótico”, foi libertado da escravidão e com o tempo se tornou um membro confiável do clã, servindo de lado a lado com Nobunaga e se tornando um samurai.

– Um samurai? Um samurai negro?

– Sim. Ele era muito habilidoso, um dos melhores guerreiros já vistos. Era também uma pessoa pacífica e gentil, o que lhe rendeu muito respeito e admiração. Sua fama é mais atribuída à essas qualidades do que à luta. Não se sabe que fim deu a Yasuke. Uns dizem que se tornou diplomata e viajou por muito tempo por territórios indianos, outros que por fim voltou à sua terra natal, outros que viveu até seus últimos dias no Japão. Fato é que trilhou sua própria história, uma vida de aventuras e honra, uma vida bem diferente daquela que seu destino em teoria apontava.

– Legal.

Aika se levanta.

– Qual seu nome?

– Saci. Saci Pererê. – pela primeira vez na conversa, não me amiúdo.

Ha-há! O Brasil é um país enciumado, cara. Ele estava todo esse tempo taciturno, escondido, paciente, com suas reservas de adrenalina devidamente preparadas, apenas esperando a hora certa de aparecer. Não é de se surpreender que uma história japonesa seja, também, uma história brasileira. País de um milhão de identidades, por que não deixá-las sambar?

A partir desse dia, toda vez que ultrapasso o beco escuro, então de luzes rosas, azuis, verdes, vermelhas!, então de lojas de marmitas, biscoitos e pelúcias, então por barraquinhas sujas e de comida cheirosa, e chego no beco dentro do beco, me torno Saci Yasukê, grande lenda de impérios, dragões e samurais. Renascido como Saci Yasukê, deixo momentaneamente uma perna de fato para trás, os traços da puberdade – indícios de um futuro bigode, agora composto por microscópicos e finos pelinhos – se tornam invisíveis e, claro, os poderes de outrora são deixados de lado.

Só que não.

Meu papel nessa história não começa hoje nem ontem, anteontem, na primeira vez que o Chefia me pagou para investigar ou até no meu primeiro encontro (trágico, tenho que admitir) com Ruth Rutilde e seu vestido brega. Arrisco dizer, sem prova alguma e com muito mais motivos a ser refutado do que apoiado, que começou no enorme tufão que destruiu o exército de Genghis Khan, séculos atrás, e que foi seguido por um segundo milagroso tufão que de novo salvou os japoneses do mesmo ataque mongol. Pegue uma moeda. Qualquer uma. Cinco, dez, vinte e cinco centavos. Vá para a praia e jogue, ainda por cima de olhos fechados, ela o mais longe que conseguir na direção do mar. Qual a chance dessa singela moeda cair, ao invés de na água salgada, na boca de um baiacu, distraído e olhando aos

céus? Vá e teste. Jogue bilhões de moedas e quase certamente você não engasgará nenhum baiacu. Há coisas que não possuem chance de acontecer, cara.

Duas coincidências magistrais, de transformar oceanos sem vento e cheios de harmonia em tempestades volumosas e assassinas de mongóis que salvam uma nação... uma moeda foi jogada ao mar e engasgou um baiacu. Não satisfeitos, repetiram a mesma maldita coisa anos depois e, novamente em uma única chance, acertaram! Cara, dada a minha presença aqui, o poder do destino e o fato de que, muito antes da minha parte materna da família chegar da República do Congo, meus ancestrais paternos já dominarem artes florestais, tendo a acreditar que nada disso é coincidência. Tendo a acreditar que, fazem centenas de anos, exatamente quando os samurais, alarmados com o exército de barcos mongóis no horizonte, urravam aos céus por vigor, harmonia e coragem, algum ancestral meu para lá da fronteira do Paraguai – vamos chamá-lo aqui fantasiadamente de Yasi Yaterê – enviou suas forças para salvar uma terra que ele nunca chegaria a ver de suas injustiças bárbaras. E tendo a acreditar que, por algo muito maior que coincidências milagrosas, por algo muito maior que guerras e socorros, moedas e baiacus, a vida convergiu mais uma vez a história da minha família e a do Japão.

Não focaremos mais em baiacus; agora, como prometido, retornemos ao salmão e ao atum. Cara, deixe bem baixo o que vou te dizer, pode magoar certas pessoas, mas você é de sorte! Veio logo no dia que o Hiroshi comanda a cozinha. Suas habilidades de corte são tão precisas como a dos antigos ninjas e sua noção exata, perfeita, acurada na mais fina tradição, das proporções é uma qualidade que coloca Hiroshi um pouco à frente de Aika na cozinha – ao comer uma peça você tem a certeza de que as quantidades de grãos e de ovas combinam exatamente com a porção de peixe e de legumes, e estamos falando ainda apenas das dimensões, e não de sabor. Mas não se engane, ela também faz milagres. Acho que, como estou vindo aqui todo dia (de segunda a sexta, o Chefia respeita meus finais de semana), meu paladar vem ficando mais rebuscado à base de duplas variadas de sushis (vez ou outra ganho um brinde, acho que por ser pré-adolescente e simpático) e venho decompondo melhor a experiência de comer. Em resumo, estou ficando cada vez mais chato.

Todos no *Entre Macacos e Dragões* têm seus segredos. Sem drama, é apenas pragmatismo. É claro que eu não poderia deixar de trazer os meus – há mais deles, sim.

Furtar, surrupiar, agafanhar, apenas levar. Há uma gama de palavras mais bonitas que afagam um pouco o peso do roubo e, no exato instante em que a proposta me foi feita, agarrei-me a esse exército de eufemismos para proteger-me do peso de tornar-me, corraí-me dizer, um ladrão. Em minhas desculpas, eu estava passando por um sufoco, ok? Sei que não há desculpas...



Mas as coisas mudaram. Como? Por quê? Quando? Te respondo: em um piscar de olhos, que separou a eterna ansiedade de me imaginar um ladrão da retomada da minha paz espiritual. Logo após o Chefia acabar a palavra “roubo”, minhas calotas polares explodiram e minha cara de espanto transparecer instantaneamente, ele veio a explicar a situação toda. Antes de meu discurso de demissão, fui obrigado a encarar a mais pura verdade: que eu deveria, indubitavelmente, mais do que nunca, roubar um certo artefato místico de certo restaurante.

Mas roubar o que é, por definição, seu, é de fato roubar? Não seria pegar de volta?

É aí que o gato pula. Antes de continuar a história de um Saci fã de comida japonesa e suas derivadas, contexto: devo contar a história de como o Chefia – e seu codinome misterioso, que logo será posto à luz – me contratou.

Há lugares que um circunspecto ser da floresta gosta de ficar. Rios, pântanos, matagais, montanhas. Há também lugares inusitados que um circunspecto e pré-adolescente ser da floresta pode gostar de ficar, como cafés, circos, livrarias, escolas!, clubes e restaurantes japoneses. Seres da floresta podem gostar de animes, sushis e ter carinho por uma história que cruza oceanos, séculos e tonalidades de pele. Qualé o problema?

O ponto de partida para o meu encontro com o Chefia – ou pelo menos achava eu isso, até então – era simplesmente frequentar o Beco Harmonia e, pelo visto, ele também. *Garoto, te pago um bom dinheiro se conseguir roubar... não, calme!*, ele diz, seu queixo quadrado e sobrancelhas grossas separados por um longo rosto, rosto agora amedrontado pela possibilidade de ter pisado em ovas e tocado em preconceitos e perversões, enquanto comemos lâmen em uma barraquinha, um ao lado do outro, ambos sem a menor ideia de que já éramos figuras conhecidas entre si, mesmo sem nunca termos trocado sequer uma palavra. Já viro para o outro lado, mas o conhecido desconhecido me busca rapidamente. *Você acredita em magia? Eu nunca acreditei, nunca, sempre fui um homem pragmático, mas também um empenhado colecionador.* Mentira, cabeçudo, eu sei que é mentira. Ok, continue. *Você não vai acreditar na história que vou te contar. Ainda vai acreditar menos ainda quando eu te disser que você, mesmo sem conhecer qualquer coisa sobre magias, pode ser a solução de tudo. E que você pode ficar rico!* Ok... continue, sou todo ouvidos. Você tem cinco minutos (lá, terminarei meu lâmen e minha rotina é corrida. Legal falar isso. Meio empresário americano. Meio homem de petróleo).

*Estou em busca de um pau-de-chuva, um instrumento feito de bambu que...*

O que? Tadesacanagem? Cara, minhas calotas polares entregam. Devo ter aberto os olhos como se a própria Cuca estivesse na minha frente, de tanta surpresa. Mas o Chefia falava olhando para as mãos, cujos dedos grossos se entrelaçavam acima da mesa, e continuou a falar sem notar qualquer indício de que eu conhecia parte – justo a parte que lhe faltava conhecimento – da história.

*... que, em teoria, seria um item místico que o povo sei-lá-de-quê cantaria para trazer a chuva. Misticismo, sabe. Estava sendo leiloadado...*

Confirmo milimetricamente com a cabeça. Sim, estava sendo leiloado, em um leilão infestado por borboletas e jacarés, até desaparecer como o vento.

*... até desaparecer como o vento. Já viu um objeto desaparecer? De verdade, lhe juro. Desaparecer! Haviam fileiras de possíveis clientes sentados encarando um pau de madeira, esperando alguém qualquer o comprar por pena e então o leilão de verdade seguir para o próximo diamante, e todos ali sentados assistiram, embasbacados e de queixo caído, o simples pau de madeira, pau-de-chuva, sei lá, deixar de existir. Como se o gênio da lâmpada o roubasse em nossa própria presença, como se a Sininho jogasse pó de pirlimpimpim e o bambu se tornasse imediatamente invisível. Em um segundo, estava lá. No outro, apenas ar na tela. Muitos cogitam roubo, saiu isso no jornal, mas eu vi com meus próprios olhos! É magia.*

Continue a droga da história, pare de tossir peloamordedeus, continue! O Chefia mastiga e mastiga, depois limpa os lábios rechonchudos com a costa da mão.

*Seu preço estava em, sei lá, dez mil reais durante o leilão. Sabe quanto estão pagando para quem o achar? Vinte milhões! O mundo está olhando para cá. Investidores americanos, europeus, asiáticos, todos!, estão embasbacados com esse artefato. Não viu no jornal? E eu o achei, garoto.*

Engulo o medo. Junto, para aliviar, um pedaço de barriga de porco.

*Dia seguinte, ainda encrustado com tudo que aconteceu, fui à livraria com a minha filha e, milagrosamente, cá estava o simples instrumento de madeira, pintado em uma de suas extremidades por uma velha e já feia tinta amarela e, na outra, de vermelho, bem na minha frente. Era o exato mesmo do leilão! Largado em paz acima de um livro do Robson Crusoé, simplesmente tacado por Deus ali. Como não sou louco de desafiar as vontades do destino e como não sou louco de negar dinheiro fácil, passei por cima de dois, três adolescentes e segurei o pau-de-chuva, já lançando esnobismo na situação toda, me vangloriando acima de um mísero pedaço de madeira inflacionado e diabólico. E quebrei a cara. Pela segunda vez ele desapareceu, virando ar na palma de minhas mãos. E aqui entra a coisa mais curiosa de toda essa história. Sabe quem eu vi nesse exato momento? Sabe no que meus olhos arregalados e enfurecidos focaram, enquanto minhas mãos vazias se contrariavam involuntariamente e eu xingava tudo e todos? Em um boné vermelho e duas muletas, enquanto um garotinho empenhado foleava, distraído, alguns gibis.*

Droga, devemos, mais uma vez, inserir: contexto. Como o universo me concedeu o domínio sobre o vento ao invés do de contar histórias (e, me defendendo mais ainda, a base de literatura que o oitavo ano provê não é das melhores), o meu relato aqui segue sentido contrário do eixo do tempo, do que aconteceu, do que faz sentido, do fácil. Para entender o agora, conto sobre semana passada. Para entender semana passada, tenho que contar fatos ainda mais passados. Droga. Acredito que haja alguma arte nesse fuzuê também, um instinto de “quero mais”. Mas não é espírito lírico: é apenas falta de talento. Assino embaixo.

Confortavelmente, aqui prometo que não vou voltar no tempo mais uma vez após essa nova introspecção. Por hora, basta. E sim, logo vou contar o final do meu acordo com

o Chefia e, também, como vou acabar com essa história hoje, aqui e agora, logo após comer, pela última vez, a maravilhosa comida do *Entre Macacos e Dragões*.

Os extrovertidos assim se denominam por conta de suas altas vozes, braços aos céus e piadinhas sem graça. Os introvertidos assim se denominam pelo seu silêncio sepulcral, pela arcada corporal vingada para baixo (cifose ou lordose, capixe?) e pelos cochichos precedentes das risadinhas. O que sou? Como me autodenomino, sendo eu simplesmente *eu*? Meus primeiros dias no colégio como um menino que nunca tinha ouvido conceitos tão julgativos, grudentos e cruéis como *extrovertido*, *introvertido*, *perneta* e *beijo virgem* não foram nada fáceis. Saci é isso, Saci é aquilo. Saci sou eu, cara. Quando vão me deixar ser eu?

Convém aqui afirmar que o meu primeiro dia no colégio foi logo de cara o dia que mudou tudo, definitivamente, para sempre. Quando se é poderoso, porém não há outros como você, pode-se considerar uma aberração. Quando se é poderoso e há outros como você (pelo menos no mundo corporativo dos adultos) pode-se criar o que eles chamam de competição. Descobri isso na minha estreia no Ensino Médio, quando o mundo dos outros poderosos se abriu para mim... e talvez nunca se feche.

Ruth Rutilde disse que descobriu meus poderes por sensibilidade, por *cheiro*, mas acho que ela ter me visto cantando no pau-de-chuva logo antes de uma tempestade inimaginável despencar no colégio em um dia até então sem nuvens (e logo quando o time dos marrentos jogava bola na frente da série toda, há-há!) ajudou um pouco no palpite. Primeiras horas na escola nova e já ser chamado para a coordenação? Cara, eu estava realmente mal na fita. No entanto, minha conversa com a impiedosa, fria e tragicamente vestida Ruth Rutilde não seguiu nem um pouco o esperado, e logo cá estava a popularmente conhecida (entre nós, detentores de habilidades sobre-humanas) como Cuca, a Bruxa do Sono, a Jacaroa, a Coroa-Pirada-Por-Borboletas, me dizendo o que fazer e o que não fazer com os meus poderes. *Nada de tacar raios nos amiguinhos. Nada de chover no recreio. Nada de sumir com as coisas dos outros. Nada de...*

Fiquei tanto tempo escutando que não tenho paciência para repetir essa joça, me desculpe. É importante eu ressaltar que Ruth Rutilde, a conhecida por muitos nomes, a sempre malvestida, não me trouxe só mal. Ela me introduziu a bons amigos, como o Curupira e o Boitatá. Até riu comigo ao comentar que o dono da Petróleo Carioca, um tal de Pércio Jangada, era o Lobisomem, e que nas noites de lua cheia seu alter ego peludo e raivoso entrava em cena – anotem. Dito isso, retomemos ódio à Ruth Rutilde, diretora que, no futuro, me expulsaria do colégio apenas por defender um amigo (e, no meio da confusão, abaixar na velocidade do vento a calça de todos os que nos sacaneavam, ok) e, em seguida, cometeria o maior crime de todos e se tornaria, sim, uma ladra. Ladra! Pois, enciumada pelos meus poderes – *só uma criança, não pode controlar o vento*, pipipi, pópópó – Ruth Rutilde roubou de uma vez por todas o meu pau-de-chuva. Emboscada! Saci para a coordenação, apenas nós dois na sala, papo de expulsão, mochila na mesa, muitos goles de água, plano maligno no ar, tanta conversa fiada, aqui e acolá, bexiga apertada, pausa ao banheiro, pau-de-chuva surrupiado na cara dura! Daí para, na semana seguinte, meu querido talismã estar protagonizando um leilão, me faz acreditar que motivos financeiros passaram pela cabeça encucada da coroa. O que a mocoronga não esperava era que,

tamanha boa companhia que sou, meu talismã sagrado, minha segunda parte, meu canto das chuvas (que poderia, já que o poder emana de mim, ser substituído por uma réplica, mas que nunca seria a mesma coisa), inconscientemente e por vontade própria voltaria para mim. Voltaria e voltaria, quantas vezes fossem necessárias, até eu o notar.

O problema é que Pércio Jangada, petroleiro e leiloeiro, a droga do Lobisomem, descobriu, nos acasos-de-baiacu de uma livraria de esquina, antes de mim que meu pau-de-chuva me perseguia. Qual a chance, cara? Sério, eu não me coloco em furadas. Elas me perseguem. Essa é a história, por fim, de como eu me coloquei em um grande perrengue, alvo número um de jacaroas e lobos piolhentos.

Pércio Jangada, o Chefia, bebe um longo e violento gole de Coca-Cola e continua:

*Pensei, normal, apenas um garoto. Ok, fiquei com dó pela sua perna e alguns pensamentos de segundo grau passaram pela minha mente. Esquece, esquece. Você se lembra para onde foi depois da livraria, no dia quatro de maio de dois mil e vinte e três? Não me chame de maluco, não tinha um motivo sequer para te seguir, você era apenas um menino normal em uma livraria qualquer em um dia louco. Mas, por mais uma enorme coincidência, minha filha quis comprar doces na mesma loja que você, minutos depois, chegaria. E sabe o que apareceu, logo após você empurrar a porta e os sininhos do teto cantarem? Bem em uma barra Hersheys Cookies N Cream, num canto mal iluminado da loja? A droga do pau-de-chuva! Resolvi ficar, sabe, atento. E, aonde quer que você fosse, garoto, a droga do pau-de-chuva te perseguia. No ônibus, na praça de alimentação, no colégio, em um beco japonês. Sempre fica bem escondido, mas sempre está lá. Você tem alguma ideia do porquê?*

Respondo, de boca cheia, que não. Me surpreendo com o quão bem atuei, sendo sincero. Pércio, o Chefia, pisca forte e fica um tempo encarando o nada. Toma mais um gole de coca e volta à minha direção.

*Muito bem. Com a minha estratégia e o seu, hm, talento escondido, podemos nos dar muito bem nessa. Podemos tentar pegar de vez o pau-de-chuva e vendê-lo. Quando você passeou pelo beco japonês, conversando, legal conversar, faz bem, com os moradores em suas casas, ele apareceu duas vezes dentro de um dos restaurantes de lá, bem ao lado de um bonsai, próximo à tábua que eles chamam de cozinha. Provável que o pau-de-chuva tenha toque e se mantenha ali mesmo, sempre que você visitar a região. É aí, simples, que pegamos ele. Como sou o sócio majoritário do negócio, pois eu que tive a ideia de tudo isso, fico com noventa por cento. Isso te dá dois milhões. Dinheiro pra caramba. Investindo, você chegará aos vinte anos com quase o dobro disso, se não muito mais.*

Não ousou perguntar o que aconteceria se eu negasse o pedido e só expulsasse o queixo largo da minha sociedade. Concordo com a cabeça e negócio fechado. Nesse momento eu tinha uma ótima notícia e uma péssima. A ótima era que o pau-de-chuva estava minimamente de volta após o roubo da Cuca e que logo estaríamos unidos de novo. A péssima era que um lunático explorador de petróleo (a Petróleo Carioca estava sendo investigada por corrupção, o que não melhorava muita coisa) que, além de empresário e stalker, era um lobisomem, estava na minha cola. Pelo menos, antes de eu fugir de seu bafo

podre e desaparecer completamente, daria um honesto troco nesse carudo e gastaria todo o dinheiro dele em um ótimo restaurante japonês.

Aqui e agora: é o grande dia.

O plano inicial seria uma obra de arte com o meu parceiro Curupira, mas ele não aceitou. Disse que seu lugar era a floresta e que nunca sairia de lá – é verdade, desde que o conheci ele nunca descumpriu sua promessa. Deixaríamos uma investigação impossível até aos melhores detetives, pois quem explicaria as pegadas sujas dos pés tortos do Curupira, torcidas para trás, enganadoras de direção? Faríamos tudo perfeitamente e criaríamos uma cena do crime impossível! Como eu disse, ele não quis... contento-me sozinho e com um plano muito menos extravagante, então. Será simples, muito simples. Por mais que as casas do beco sejam tradicionais, as algumas lâmpadas movidas a energia elétrica não são e, caso uma tempestade caia sobre o beco dentro do beco, estariam falíveis ao apagão. Nem se fala das velas, cuja luz iria embora em dois segundos de temporal. É assim que a luz cairá, tudo ficará escuro e eu, respeitosamente, pegarei meu querido pau-de-chuva e meterei o pé (um só), desaparecendo como o vento, seguindo a minha vida e deixando lobisomens e bruxas com mãos vazias e indagações: para onde o moleque foi? Para longe, chatos de galocha. Para longe das suas garras.

Mas, antes de tudo, *first things first*. Meus amigos Hiroshi e Aika, artistas cujo dom ilumina de certo modo a vida alheia, merecem agradecimentos. E é por isso que chamo os dois à mesa agora e o discurso (nem um pouco decorado, completamente do coração) é um pouco longo, com sorrisos, risadas e, quem diria, lágrimas. Lágrimas tímidas, ok? E então a hora da verdade, pois o que ainda tenho no meu bolso (ala Bilbo Bolseiro)? Notas que somam cento e cinquenta reais, adiantamento de mesada que o Chefia de poupança gorda me deu para “investigar” o *Entre Macacos e Dragões* e ver se alguma outra pessoa estava atrás do pau-de-chuva, que não eu mesmo. Perigos dos negócios, sabe. Sempre tem que se ter cuidado... trinta reais por dia, mas o que fazer se a demissão (não comunicada, ainda por cima) vier com antecedência? Perdeu, playboy. Me viro para Hiroshi e Aika e sorrio, para enfim chegar ao final o relato de Saci Yasukê, herói imperial, controlador dos ventos, perseguido por bruxas bregas e lobisomens de terno, apenas um menino em busca de sua paz.

– Um combinado para um, por favor.

A stylized, handwritten signature in black ink, consisting of a large, flowing 'H' shape with a small flourish at the top left.